

O tempo presente e o essencial na criação de objetos narrativos¹

Rogério Lima²

RESUMO

Este artigo trata dos resultados da nossa investigação sobre a elaboração de objetos narrativos híbridos, cujo objetivo é identificar quais são as estratégias utilizadas pelos criadores literários como método de incorporação e interação de discursos artístico-culturais narrativos, não literários, aos processos de elaboração da narrativa ficcional contemporânea tais como: a política, a economia, a moda, o cinema, as artes de forma geral. A ocorrência da incorporação desses procedimentos tem resultado no rompimento de fronteiras estéticas, de gêneros, de territórios culturais e intelectuais, e produzem uma nova conjugação de diferentes saberes cuja finalidade é traduzir a crescente complexidade das relações artísticas, políticas, identitárias e culturais transnacionais, que—no tempo presente—se encontram pressionadas por uma certa forma de fundamentalismo cultural que se traduz na quase necessidade e obrigação de ser criativo e inovador.

Palabras-chave: Tempo presente, objetos narrativos, criatividade, Literatura e outras artes, contemporâneo.

The present time and the essential in the creation of narrative objects

ABSTRACT

This article deals with the results of our research on the elaboration of hybrid narrative objects, whose objective is to identify the strategies used by literary creators as a method to incorporate and interact narrative, non-literary artistic-cultural discourses, to the processes of narrative contemporary fiction, considering politics, economics, fashion, cinema, and the arts in general. The occurrence of the incorporation of these procedures has resulted in the breaking of aesthetic borders, of genres, of cultural and intellectual territories. It also produces a new combination of different pieces of knowledge whose purpose is to translate the increasing complexity of transnational artistic, political, identity and cultural relations, which – at present - are under pressure from a certain form of cultural fundamentalism that almost leads to a necessity and an obligation to be creative and innovative.

Keywords: The present, narrative objects, creativity, literature and other arts, contemporary.

Recibido: 10 de enero de 2019

Aceptado: 15 de abril de 2019

¹ Este artigo tem a sua origem nas investigações desenvolvidas no âmbito do grupo de pesquisa Textualidades Contemporâneas: processos de hibridização e do Projeto de Investigação Poéticas do Estado de Urgência. O presente trabalho recebeu o apoio da Universidade de Brasília, por meio do seu Edital de Participação em Eventos para ser apresentado no XXI Congresso Internacional de Humanidades y IX Encuentro del Grupo de Investigadores: *Textualidades contemporâneas: procesos de hibridación* - 23, 24, 25 y 26 de octubre de 2018.

² Doutor em Semiologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Professor Associado do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, UnB. Presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada, ABRALIC (2017-2019). rlima@unb.br

INTRODUÇÃO

To doubt everything, or to believe everything are two equally convenient solutions; both dispense with the necessity of reflection (Henry Poincaré)³.

A minha comunicação trata da continuidade do tema ligado ao desenvolvimento de processos criativos abordado por mim no âmbito das reuniões organizadas pelo grupo Textualidades. Tenho me dedicado a pensar sobre os processos de organização da criação artística no tempo presente. Na execução do processo investigativo, priorizo estudar as relações entre a literatura e a arte da performance e da fotografia como processos produtores do que defino como *performance crítica*: que é, sob o meu ponto de vista, o resultado do trabalho e do esforço crítico realizado pelo pesquisador no sentido de entender o tempo presente.

Por esse motivo, destaco aqui a citação “We live in a world where most of the messaging we hear is based on fear and/or scarcity” (Bourne, 2014, posição 1956). Essa constatação, que mais parece uma afirmação de um sociólogo preocupado com transformações pelas quais passam as relações políticas e sociais no mundo contemporâneo, é expressa pelo fotógrafo americano Scott Bourne (BOURNE, 2014, p. 1957).

A ORDEM DO MEDO E O PARADIGMA NEURONAL DO CANSAÇO

A percepção de que vivemos numa era dominada pelo medo não é nova. No século XX, esse sentimento misturado à indiferença tem acompanhado a humanidade desde a instauração da Guerra Fria. No ano de 1947, o poeta Carlos Drummond de Andrade registrou um grande desencanto e a indiferença reinante à época em seu poema "Os inocentes do Leblon":

Os inocentes do Leblon
não viram o navio entrar.
Trouxe bailarinas?
trouxe imigrantes?
trouxe um grama de rádio?

³ DONSKIS, Leonidas. *The small map of experience: reflections & aphorisms*. Translated from the Lithuanian by Carla Gruodis. Guernica: Toronto. Buffalo, Berkeley, Lancaster (UK), 2013.

Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram,
mas a areia é quente, e há um óleo suave
que eles passam nas costas, e esquecem (Drummond, 1999, p. 16).

No século XXI o tema do medo tem aflorado em diversos momentos. No ano de 2011, o coletivo Thievery Corporation lançou o álbum musical *Culture of fear* [cultura do Medo]; Em 2012 Zigmunt Bauman publicou o seu *Medo Líquido*. Na obra *Cegueira moral*, Bauman discute o com Leonidas Donskis sobre as formas sutis como o mal se organiza, sem que este, contudo, permita transparecer que seja o mal. O filósofo coreano Byung-Chul Han destaca que “cada época possui suas enfermidades fundamentais” (HAN, Kindle, 2015, posição 39). E o medo é a enfermidade do nosso tempo. Segundo Han, o século XX viveu uma época bacteriológica e viral, superada pelo desenvolvimento das técnicas imunológicas.

Porém, “Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal” (p. 42). A paisagem patológica do século XXI é determinada por doenças neuronais como a depressão, TDAH: transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade, TPL: transtorno de personalidade limítrofe ou a SB: síndrome de Burnout (p. 42). Han define o século XX, em contraposição ao século XXI, como o século imunológico: “Trata-se de uma época na qual se estabeleceu uma divisão nítida entre o dentro e fora, amigo e inimigo ou entre próprio e estranho. Mesmo a Guerra Fria seguia esse esquema imunológico” (p.48). “Hoje a sociedade está entrando [...] numa constelação que se afasta totalmente do esquema de organização e de defesa imunológicas. Caracteriza-se pelo desaparecimento da *alteridade e da estranheza* (p. 53).

Categoria fundamental da imunologia, conforme Han, a alteridade foi substituída pela *diferença*, porém esta não provoca nenhuma reação imunológica (p. 60), não provoca estranheza. Ainda do ponto de vista de Han “toda e qualquer reação imunológica é uma reação à alteridade” (p. 53), é uma reação a tudo que é estranho. Desprovida da capacidade de provocar estranhamento a diferença “não faz adoecer [...], falta à diferença, de certo modo, o agulhão da estranheza, que provocaria uma violenta reação imunológica. Também a estranheza se neutraliza numa fórmula de consumo. O estranho

cede lugar ao exótico. o *tourist* viaja para visitá-lo. O turista ou o consumidor já não é mais um *sujeito imunológico*” (p. 51). “O sujeito imunológico rejeita o outro com sua interioridade, o *exclui*, mesmo que exista em quantidade mínima” (p. 97).

Ultrapassado, “o paradigma imunológico não se coaduna com o processo de globalização. [...] O mundo organizado imunologicamente possui uma topologia específica” (p. 72), que se caracteriza pela presença de barreiras [...] que dificultam e impedem o processo de troca e intercâmbio. Han lembra que “A promiscuidade geral que hoje em dia toma conta de todos os âmbitos da vida, e a falta da alteridade imunológica ativa, condicionam-se mutuamente” (p. 72).

Han destaca que: “A dialética da negatividade é o traço fundamental da imunidade. O imunologicamente outro é o negativo, que penetra no próprio e procura negá-lo. [...] O desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatitudes” (p. 83). A ausência de negatitudes permite a instauração da dialética da positividade. Daí a instauração da violência da “positividade que resulta da superprodução, superdesempenho ou supercomunicação” (p. 97). E acrescento aqui à lista de Han a exigência da *supercriatividade* à qual estamos constantemente submetidos e até mesmo a obrigação de obter a *felicidade*. “A violência da positividade não pressupõe nenhuma inimizade. desenvolve-se precisamente numa sociedade permissiva e pacificada. Por isso ela é mais invisível que uma violência viral. Habita o espaço livre de negatividade do igual, onde não se dá nenhuma polarização entre inimigo e amigo, interior e exterior ou entre próprio e estranho” (p. 125).

Han destaca que a hibridização, “que domina não apenas o atual discurso teórico-cultural mas também o sentimento que se tem hoje em dia da vida, é diametralmente contrária precisamente à imunização. A hiperestesia imunológica não admite qualquer hibridização” (p. 72). Volto a destacar que: “O sujeito imunológico rejeita o outro com sua interioridade, o *exclui*, mesmo que exista em quantidade mínima” (p. 97). O mesmo não ocorre no âmbito da diferença que tende a ver o *outro*, não como ameaça, mas como um peso. O caso da imigração serve como exemplo. O imigrante não é mais uma ameaça ele agora é um peso a mais.

RAZÃO NEOLIBERAL CÍNICA OU A CRIATIVIDADE A TODO CUSTO

A ocorrência da incorporação no universo das artes de procedimentos de hibridização tem resultado no rompimento de fronteiras estéticas, de gêneros, de territórios culturais e intelectuais, e produzem a conjugação de diferentes saberes, cuja finalidade é traduzir a crescente complexidade das relações artísticas, políticas, identitárias e culturais transnacionais, que—no tempo presente—se encontram pressionadas por uma certa forma de fundamentalismo cultural que se traduz na quase necessidade e obrigação de ser criativo e inovador.

Criatividade e inovação são as palavras que emanam da grande “fábrica de discursos”, as agências de notícias, e assombam o nosso tempo. [...] Nesse movimento, escritores são cooptados e incentivados a participarem e a escreverem para coleções literárias—engendradas no interior de projetos de marketing literário e planos mercadológicos das novas corporações editoriais, surgidas no final do século XX, a partir de fusões e aquisições comerciais—destinadas principalmente aos consumidores de atualidades.

Pascal Gielen, diretor do Centro de Artes em Sociedade da Universidade de Groningen, Holanda, vê o neoliberalismo constantemente produzindo leis duras para cercear e limitar a criação. “Essas leis servem para mascarar o medo da liberdade de sua própria população, sua própria sociedade e, por último, de si mesmo (humanidade). A estética da mensurabilidade é um produto do medo fundamentalista de todo ser humano. É porque o neoliberalismo esconde a sua desconfiança sob um discurso de utilidade, disposição e realismo que ele é também uma ideologia profundamente cínica (GIELEN, 2015, p. 72).

Para Gielen “o atual contexto de produção [**mantido**] pelos empreendedores criativos é caracterizado por um alto nível de individualização ou de descoletivização do projeto de trabalho em uma fluente estrutura de rede. O ambiente deste contexto de produção, e o entusiasmo com o qual ele sempre é abraçado e até mesmo ‘legitimado cientificamente’ sob a guisa da independência financeira, torna a indústria criativa especialmente sensível ao regime neoliberal de valores” (GIELEN, 2015, p. 46 – 47). As

pressões exercidas pela indústria cultural criativa tendem a conduzir o empreendedor criativo para uma condição de precariedade.

Para Gielen, os artistas que ainda aspiram atingir a imortalidade e que assumem um comportamento boêmio “fora da sociedade, esperando por reconhecimento após a morte, hoje são ridicularizados por suas convicções. Apenas o aqui e agora contam. Ou, mais do que isso, não o aqui e o agora, mas o futuro muito próximo nesta base plana” (GIELEN, 2015, p. 33). E Gielen arremata dizendo: “O artista não pode mais se manter acima ou fora do mundo. Como muitos artistas contemporâneos ainda veem a criação como um ‘manter-se na vertical’, elevar-se sobre as coisas do dia a dia, eles são sumariamente esquecidos no mundo plano. O trabalhador criativo hoje não é tanto um trapezista, mas muito mais um integrante das redes (sociais)” (p. 33-34).

Em meio ao processo de transformação denominado como *virada exibicionista* Gielen procura nos alertar para o fenômeno que vem ocorrendo com os espaços de criação —ateliês e estúdios— começam a perder importância ou estão deixando de existir. No mundo plano e úmido, o espaço onde se praticava a lentidão, a verticalidade, a reflexividade, o trabalho com a materialidade e o isolamento, “é previsivelmente substituído por um discurso imaterial sobre mobilidade, e a instituição se dissolve em uma estrutura de redes” (GIELEN, 2015, p. 34).

Há um grande conservadorismo no ar do nosso tempo; um grande apego ao realismo: vivemos no “tempo do academicismo, da aplicação das normas e das convenções, do pensamento pequeno e da visão curta. É o tempo de sentenciar que tal romance é chato ou bem construído, bem ou mal escrito, que os personagens são psicologicamente críveis, de carne e osso ou não” (CARVALHO, 03. 02. 2016), ou que determinado projeto acadêmico ou estético é grande ou ambicioso demais, por isso inexecutável.

Segundo Gielen, “A utopia está fora de questão nesta ideologia do realismo. Pior ainda, qualquer coisa que não possa ser mensurada é logo posta de lado como impraticável ou demasiado utópica. A chamada urgente por uma consciência de realidade obstrui o espaço para a respiração por uma consciência do que é possível” (GIELEN,

2015, 49). Tudo é rebaixado pelo dinheiro, passando a ser medido por ele ou por números que possam representá-lo ou significar uma suposta aceitação de um determinado trabalho artístico ou artista. O dinheiro passa a ser utilizado como critério para medir o valor da obra do artista.

CONCLUSÃO

Vivemos num tempo de enganosa superabundância de informação e narrativas. Essa super oferta de conteúdos nos leva a um esgotamento da nossa vontade de escolha, pois ela acirra no espectador comum a angústia da consciência de que ao escolher um tipo de informação ou produto audiovisual de entretenimento estará abrindo mão de outro. A palavra-chave aqui para esta questão é *entretenimento*, ela está diretamente ligada a outro termo bastante caro ao nosso tempo: *diversão*.

Vivemos em tempos sombrios, no qual grandes formas de extermínio se produzem diante dos nossos olhos, sejam elas locais, nacionais ou internacionais; contudo, somos indiferentes a esses fatos, pois estamos sempre a olhar os acontecimentos com o distanciamento que a televisão e a internet produzem e nos impõem. Não nos envolvemos; vivemos a desrealidade que a profusão de imagens nos proporciona. Trocamos de assunto com grande simplicidade de gestos e facilidade de direcionamento e redirecionamento da nossa atenção: passamos da notícia de um evento trágico a uma frivolidade midiática, sem a menor cerimônia. Somos capazes de nos emocionar com clichês familiares sobre a realeza britânica, mas não somos levados à reflexão sobre a violência produzida pelo terror, ou sobre o desespero de milhares de refugiados ao redor do mundo, produzidos pelo horror geopolítico gerado no seio da governança das nações desenvolvidas do Ocidente.

Finalizando, talvez o grande impasse do artista no tempo presente venha a ser o de manter-se fiel à verdade da sua obra. Não sucumbir às tentações e às pressões do gosto. Não abrir mão da linguagem que pode entristecer e até por vezes ofender. Não se entregar ao microacontecimento da espetacularização que se converte em um valor. O valor ditado pelo império do gosto (BARICCO, 2006, 27).

BIBLIOGRAFIA

- Baricco, Alessandro.** 2010. *Los bárbaros: ensayo sobre la mutación - selección*. Traducción de Xavier González Rovira. Buenos Aires, Editorial Lá Página.
- Bourne, Scott.** 2014. *72 essays on photography*. EUA: Think Tap Learn publishing.
- Carvalho, Bernardo.** "Contra o leitor". *Blog do IMS*, 03 de fevereiro de 2016. Url: <http://www.blogdoims.com.br/ims/contra-o-leitor>. Consultado em 04/02/2016.
- Drummond, Carlos.** 1999. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Record.
- Han, Byung-Chul.** 2015. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes.
- Donskis, Leonidas.** 2013. *The small map of experience: reflections & aphorisms*. Translated from the Lithuanian by Carla Gruodis. Guernica: Toronto. Buffalo, Berkeley, Lancaster (UK).
- Gielen, Pascal.** 2015. *Criatividade & outros fundamentalismos*. Tradução Sharine Machado Cabral Neto. São Paulo: Annablume, 2015.
- Leiderfarb, Luciana.** "As mentiras são mais fascinantes do que a verdade". *Expresso*. Url: <http://expresso.sapo.pt/cultura/2016-02-20-As-mentiras-sao-mais-fascinantes-do-que-a-verdade>. Consultado em 20/10/2018.
- Thievery Corporation.** *Culture of fear*. Url: <https://thieverycorporation.com/cultureoffear/>. Consultado em 20/10/2018.